

Artur como Modelo Régio nas Fontes Ibéricas Medievais (Parte I): *A Demanda do Santo Graal*

Profa. Ms. Adriana Zierer
Departamento de História/UEMA
medieval@domain.com.br

Resumo

Embora muitos considerem que Artur em *A Demanda do Santo Graal* é apresentado como fraco e com um reino em decadência, meu objetivo consiste em demonstrar que nesta obra do século XIII pertencente ao ciclo da *Pós-Vulgata* da Matéria da Bretanha, Artur ainda apresenta os elementos do monarca cristão ideal construído por Geoffrey de Monmouth na *Historia Regum Britanniae*, do século anterior. Embora os personagens principais do relato sejam aqueles que encontram o Santo Graal – Galaaz, Persival e Boorz, a figura de Artur na narrativa continua a portar os mesmos elementos da *Historia Regum*. Assim como na obra de Geoffrey, na *Demanda*, Artur é um exemplo de rei-justo e de rei-guerreiro, motivo pelo qual a sua imagem continuou a representar um modelo régio por excelência na Península Ibérica e mais especificamente em Portugal.

Palavras-chave: Artur, Rei ideal, *A Demanda do Santo Graal*

Abstract

Although many people consider that the representation of Arthur in the *Queste for the Holy Grail* is that of a weak king with a kingdom in decadency, the objective of this paper is to show that in this work of the thirteenth century, belonging to the Post-Vulgata Cycle of the *Matière de Bretagne*, Artur still represents the elements of the ideal christian monarch built by Geoffrey of Monmouth in *Historia Regum Britanniae*, written in the century before. Even though in the *Queste* the main characters are the ones who find the Holy Grail – Galahad, Persival and Boors, Arthur's image in the narrative still presents the same elements of the *Historia Regum*. As in Geoffrey's book, in the *Queste*, Artur is represented as an example of a faire king and a warrior king, reason why his image continued to represent a kingly model in Iberian Peninsula and more specifically in Portugal.

Keywords: Arthur, Ideal king, *Quest for the Holy Grail*

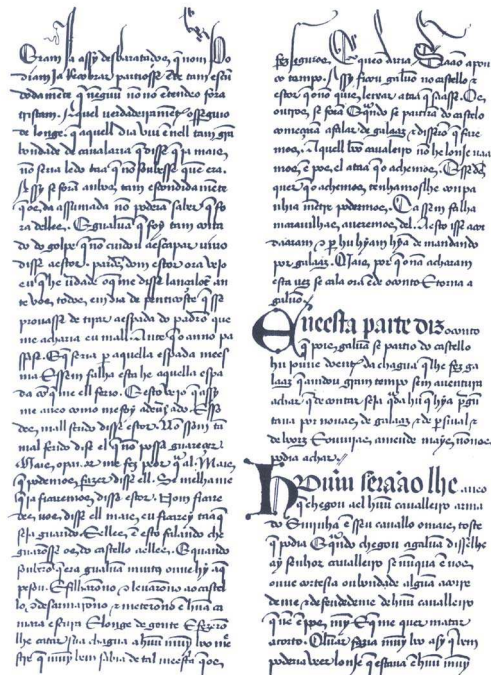


Figura 1 – *A Demanda do Santo Graal*. Manuscrito 2594, f. 95v da Biblioteca Nacional de Viena. In: *A Demanda do Santo Graal*. Facsimile da Edição de Augusto Magne. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1955, v. I, p. 380.

Introdução

Muitos poderão dizer que a imagem de Artur em *A Demanda do Santo Graal*, principal obra arturiana a circular por escrito na Península Ibérica a partir do século XIII, é a de um rei fraco, cujo reino está em decadência. Vejamos um breve resumo. A narrativa gira em torno do Graal, vaso que contém o sangue de Cristo na Cruz, motivo pelo qual o reino tem garantida a sua prosperidade. Logo no início do relato, porém, após uma breve aparição do Santo Vaso, este objeto desaparece de Camaalot e os principais cavaleiros do rei partem em sua busca. Portanto, o rei fica sem o que tem de mais valioso: a prosperidade do Graal e seus melhores nobres.

Além disso, é dito na narrativa que os motivos para o Graal ter se retirado do reino são justamente os pecados do rei e destes cavaleiros que partiram (cento e cinqüenta), a maioria dos quais pecadores, que, por isso, não conseguirão encontrar o Santo Vaso. Encontrar o objeto desejado é tarefa somente do cavaleiro puro, Galaaz, que completa a aventura, acompanhado de outros dois companheiros virtuosos, Perseval e Boorz.

O rei Artur aparece pouco nesta versão da aventura arturiana, que ainda retrata a descoberta da traição de sua esposa Genevra com o melhor cavaleiro do reino, Lançalot. A seguir ocorre a guerra entre Artur e a Linhagem de Lançalot, a Linhagem de Bam, a qual o monarca não consegue derrotar e no final do livro, o rei morre ou é levado mortalmente ferido para Avalon por Morgana e outras donzelas, após o combate com seu sobrinho Morderete. Logo depois, o rei Mars, o marido de Isolda e inimigo de Artur, que nesta versão da narrativa abrigava os amantes em seu reino, destrói a tábua redonda, símbolo do poderio arturiano.

Num primeiro olhar poder-se-ia dizer que o romance de cavalaria em questão, composto no século XIII, período de prosificação e cristianização da Matéria da Bretanha, apresenta uma cavalaria em processo de decadência e um rei fraco. Porém, a leitura atenta desta narrativa e a comparação com a imagem de Artur na obra *Historia Regum Britanniae*, primeiro relato latino a apresentar Artur como rei, possibilitam demonstrar que mesmo na *Demanda*, Artur é apresentado como um modelo régio. Este modelo foi tão importante na Península Ibérica e mais especificamente em Portugal, que reis como o monarca Afonso III (1248-1279) o utilizaram para o seu fortalecimento e até pelo menos o século XV é possível notar a importância desta obra em Portugal (SARAIVA e LOPES, 1976: 99).

O objetivo deste trabalho é, por isso, mostrar que em *A Demanda do Santo Graal* Artur tem aspectos de rei ideal que continuaram a torná-lo um modelo a ser seguido pelos reis ibéricos. Suas principais características são as de rei-guerreiro e de rei-justo, daí a importância em analisar detidamente esta fonte.

Artur como modelo de Rei Ideal: A *Historia Regum Britanniae*

Não cabe a este trabalho discutir os motivos por que foi composta a *Historia Regum Britanniae* (*Historia dos Reis da Bretanha*) pelo galês Geoffrey de Monmouth entre 1135 e 1138, sob encomenda do monarca anglo-normando Henrique I (1100-1135), assunto sobre o qual já tratei em outro artigo (ZIERER, 2003). Porém é importante lembrar, que Geoffrey apresentou claramente nesta mistura de crônica e canção de gesta um modelo de rei cristão ideal. Na obra, Artur, além de virtuoso e piedoso, tem como principal característica ser um rei invencível. Ele consegue sobrepujar todos os seus inimigos, sendo capaz de vencer trinta reinos e o Império Romano, o qual não chega a dominar, por ter sido avisado que o sobrinho usurpara o seu trono na Bretanha.

Segundo uma das descrições da obra que mostram a habilidade guerreira do monarca:

Pegando então sua espada Caliburn, ele proclamou o nome de Santa Maria e, com um movimento rápido, lançou-se para as fileiras apertadas dos inimigos. Todos aqueles com quem se batia, invocando Deus, morriam ao primeiro golpe de espada. Ele não suspendeu seu ataque antes de ter matado quatrocentos e setenta soldados com sua única arma, Caliburn. (HRB, 1993: 209)

A batalha de Artur contra o sobrinho Mordret no seu retorno à ilha é a única na qual o rei, embora derrote o seu oponente, é mortalmente ferido e levado pelas fadas para Avalon, sem que se saiba quando retornará.

Um aspecto que sobressai no relato de Geoffrey é que Artur consegue vencer os oponentes em combate singular, conforme já demonstrado acima. Desta forma, as qualidades de seus inimigos são ressaltadas e teoricamente só alguém com uma força descomunal, como o próprio rei, poderia vencê-los.

Neste sentido, Artur derrota inicialmente o gigante do Monte São Michel (HRB, 1993: 234) e num segundo momento um gigante que colecionava barbas de reis (HRB, 1993: 235). (1)



Figura 2 Artur vence o gigante do Monte São Michel. Manuscrito inglês, século XV. (Ms. 6, f. 62v.). Lambeth Palace Library.

O monarca também vence o tribuno romano Frollo, da Gália, personagem que aparece na *Demanda do Santo Graal* como Froila, o pai de Samaliel, como veremos mais adiante. É importante perceber aqui que Artur vence os gauleses, representados pelo tribuno Frollo, como a demonstrar a independência dos anglos-normandos frente ao suserano, o rei da França, de quem eram vassalalos. Na época da confecção da obra o rei francês era Luís VI, o Gordo (1108-1137) e seu sucessor foi Luís VII (1137-1180).

Afonso III e A Demanda do Santo Graal

No século XIII as obras arturianas circulavam amplamente em Portugal através da ação dos recitadores e cantores, que difundiam o ideal cavaleiresco na Europa Ocidental. No entanto, chama atenção o fato destas obras terem sido postas por escrito justamente no governo de Afonso III (1248-1279).

Além de *A Demanda do Santo Graal* é da época de Afonso III a publicação da crônica navarra o *Libro de las Generaciones*, que contém uma genealogia dos reis bretões, e o *Cancioneiro da Ajuda*, com menções a personagens do ciclo arturiano, como Tristão e Isolda e Merlim. (ZIERER, 1999:73-74)

Segundo o filólogo Ivo Castro, o ciclo da *pós-vulgata* foi traduzido do francês para o português pelo frade português Joam Vivas ou Bivas, da Ordem de Santiago, que viveu por volta da mesma época do monarca, sendo seu nome citado nos textos peninsulares três vezes (CASTRO, 1983: 82 e 91) (2).

Durante sua estadia na França como vassalo de Luís IX, Afonso III teve contato com a florescente literatura cortês. Através do casamento com D. Matilde, tornou-se conde de Bolonha, uma região com intensa atividade literária, local de passagem entre a Inglaterra e a França. Bolonha pode ter estado ligada à produção dos ciclos da *vulgata* e da *pós-vulgata* da matéria da Bretanha e o conde, no seu retorno a Portugal em 1245, poderia

ter trazido consigo um exemplar manuscrito de *A Demanda do Santo Graal*, que depois mandou traduzir e que vinha a calhar aos interesses de um nobre que acabaria por fazer guerra contra o irmão, assumindo o trono.

Assim como a *Historia Regum Britanniae* foi utilizada politicamente pelos anglo-normandos e mais especificamente por Henrique II Plantageneta (1154-1189), que inclusive mandou que a obra fosse traduzida do latim para o francês para ser lida na corte (com o título de *Roman de Brut*, de Robert Wace) (ZIERER, 1999: 63-64), o ciclo arturiano também foi utilizado em Portugal, especificamente pelo monarca Afonso III, o qual veio da França como regedor e defensor do reino, depondo o irmão Sancho II por ordem do papa. Este último enfrentava uma revolta dos nobres, que não conseguiu controlar, o que abriu a possibilidade de a Santa Sé interferir nos assuntos do reino português.

Afonso III foi o vitorioso nos combates (a guerra civil durou entre 1245 e 1248) e, desta forma, uma imagem positiva foi vinculada a sua figura, a qual se beneficiou também da idéia do rei invencível representado por Artur. Assim, as crônicas escritas sobre Afonso III que circularam nos séculos XIV e XV (por exemplo, a *Crônica Geral de Espanha de 1344* e a *Crônica de 1419*) mostram aquele monarca com atributos arturianos, como a habilidade guerreira, a capacidade de exercer bem a justiça e proporcionar a prosperidade ao reino português (ZIERER, 1999).

O Ciclo da Pós-Vulgata em Portugal

A matéria da Bretanha chegou a Portugal através do ciclo da *pós-vulgata* ou ciclo do pseudo-Boron a partir de meados do século XIII. Este conjunto narrativo compõe-se das seguintes obras: *A Estória de José de Arimatéia*, *Merlin* e *A Demanda do Santo Graal*.

Heitor Megale explicita de forma clara sobre a circulação deste ciclo na Península Ibérica. Na Espanha, há duas edições de *Merlin* ou *Baladro del sabio Merlin con sus profecias*, a de Burgos, de 1498, e a de Sevilha, de 1535, sendo que esta faz parte de *La Demanda del sancto Grial con los maravillosos fechos de Lanzarote y de Galaz su hijo*, editada em Toledo em 1515, e em Sevilha, em 1535. Esses textos de 1535 foram reeditados em 1907 por Bonilla y San Martin. “Em português, há um *Livro de José de Arimatéia*, ms. 643, do Arquivo da Torre do Tombo, em Lisboa, e uma *Demanda do Santo Graal*, ms. 2594 da Biblioteca Nacional de Viena. *A Demanda do Santo Graal* é uma cópia do tempo de D. Duarte (1420-1438), não tendo sido conservada a tradução que poderia remontar à metade do século XIII” (MEGALE, 1988: 8-9).

Embora estas obras, provenientes da França, guardem uma semelhança com os textos da *vulgata*, já adotam elementos de outros ciclos, como o ciclo de *Tristan en Prose*, o que faz com que os livros dos dois ciclos apresentem várias diferenças.

Entre a primeira versão do *Tristan en Prose*, composta pouco depois da *Vulgata*, e a segunda versão, escrita por volta de 1250, a *Vulgata* foi remodelada fazendo convergir os diferentes ramos do ciclo num romance único, centrado em torno da figura de Artur. Para isso elimina grande parte da matéria relativa a Lancelot e integra na *Queste (Demanda)* um grande número de episódios em que participam cavaleiros estranhos ao *Lancelot-Graal* da *Vulgata*, mas que figuram no *Tristan* (NUNES, 1995: 9).

A *Estória de José de Arimatéia* segue em linhas gerais o relato apresentado em *L'Estoire du Saint Graal*, da *vulgata*. Foi traduzida para o português no século XIV, porém a cópia que nos chegou (TT ms. 643) é do século XVI, tendo sido feita por Manuel Alvares e dedicada ao rei D. João III. No *Livro de Vespasiano* (1496) há um resumo de *José de Arimatéia* (COELHO, 1960).

Já a obra *Merlin* consiste em uma versão em prosa do *Merlin* de Robert de Boron, seguida de uma adaptação da *Continuation* da *Vulgata*, à qual se acrescenta uma série de aventuras conhecidas por *Suite du Merlin* (NUNES, 1995: 9-10). É importante salientar que a versão portuguesa do *Merlin* desapareceu, só existindo a versão espanhola, a qual se baseou na portuguesa.

O último livro do ciclo é *A Demanda do Santo Graal*, que contém uma parte de *La Mort D'Arthur* (*A Morte do Rei Artur*). O livro é dividido em três partes: a primeira trata da aventura dos cavaleiros em busca do Graal após seu aparecimento na corte do rei Artur; a segunda do encontro do Santo Vaso por Galaaz, o cavaleiro perfeito, e a última do declínio do rei Artur e sua mítica morte.

O rei Artur aparece pouco no romance, que trata mais das aventuras dos cavaleiros da tábua redonda para encontrar o que tanto procuram, do que dos feitos deste rei. No entanto, sua figura está sempre ligada à qualidades extraordinárias, como ser o melhor rei do mundo, como veremos mais adiante.

Uma das diferenças da *Demanda* portuguesa para a da *vulgata* é que o rei Mars, marido de Isolda, empreende uma série de guerras visando derrotar Artur, visto que Tristão e Isolda se encontram no Reino de Logres. O reino de Artur se enfraquece devido às contradições internas e à união dos inimigos, o rei Mars e os saxões.

Graal: O fio Condutor da narrativa em “A Demanda do Santo Graal”

O Graal é, como o próprio título indica, o condutor da narrativa no romance, sendo apresentado como um cálice sagrado, simbolizador de uma manifestação de Deus. Ele alimenta material e espiritualmente os seres humanos (estando relacionado ao caldeirão da abundância da literatura céltica), aproxima os iluminados dos mistérios divinos e realiza milagres (ZIERER, 2002: 40-54).

Quando aparece na corte de Artur, sua visão é repleta de luz (*claritas*), símbolo visivelmente relacionado à divindade na Idade Média:

(...) entrou ua tam grã claridade, que fêz o paaço dous tanto mais claro ca era ante. E quantos no paaço siam, logo todos foram compridos da graça do Spíritu Santo (...). E êles assi sendo, entrou no paaço o Santo Graal, cuberto de uu eixâmete branco (...) E tanto que entrou i, foi o paaço todo comprido de boõ odor, como se spécias do mundo i fôssem. (...) E per u passava, lo tôdalas mesas eram compridas de tal manjar, qual em seu coração desejava cada uu (DSG, I: 31).



Figura 3- o Santo Graal aparece em uma visão à frente da Companhia de Artur. MS. Fr. 112 f. 5. c. 1470. BN; Les Chroniques de Hainaut, MS. 9243 f. 45, 1468. BR. In: JENKINS, Elizabeth. *Os Mistérios do Rei Artur*. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1994, p. 96.

A breve aparição do objeto sagrado na festa de Pentecostes leva à cavalaria de Artur a sair em sua busca. O Graal funciona no relato como um dos elementos que garantem a estrutura do poder do soberano.

Quando o Graal parte de Camelote, os cavaleiros reúnem-se e saem em sua busca. A procura pelo Graal dá sentido ao reino, cuja direção se volta para readquirir o objeto sagrado, capaz de garantir sua prosperidade material e espiritual. A demanda ao Graal representa a busca simbólica pelo estabelecimento do Reino Celeste na terra através de seu objeto mais perfeito, o Santo Vaso.

Galaaz encontra o objeto desejado e tem as mais altas revelações espirituais. Com a sua morte, após ter grandes revelações, ele ascende aos Céus juntamente com o Graal. Com o encerramento da busca, o reino entra em declínio (MEGALE, 1992). Os inimigos conseguem atacar Artur e com a morte do monarca, destroem o reino de Logres.

Camaalot perece pelos pecados do rei e de cavaleiros ilustres como Lançalot, pai de Galaaz e simbolicamente o seu oposto, pois enquanto o último era virtuoso e puro, o primeiro era um pecador. Outro pecador é Tristam, que arrebatou Iseu, esposa do rei Mars, e a leva para a Bretanha, gerando neste último o ódio a Artur.

Apesar da corte de Artur ser apresentada como um modelo, dos cento e cinquenta cavaleiros da tábua redonda que partem na demanda, só doze têm oportunidade de entrar na câmara do Graal, sendo os principais Galaaz, Persival e Boorz. Isto ocorre, porque para sobre os demais três pecados: a luxúria, a inveja e a mentira.

Galaaz tanto se sobressai aos outros, porque seu maior atributo é a castidade e em nenhum momento sente-se tentado aos prazeres da carne. Artur se reconhece como pecador e atribui a este motivo o fato do Graal ter se retirado de seu reino. Depois disso, começa a surgir grande fome na terra, o que confirma o caráter de alimento do Graal (3).

Para Artur:

esta fome e coita merecemos nós per **nosso pecado**, e bem parece polo Santo Graal; e assi como Nosso Senhor o deu a Joseph e aos outros homens boões que da sua linhagem veerom per sa bondade e per sa proeza, assi o tolheu a nós per nossa maldade e per nossa maa vida, e por esso pode homem veer que os maus (erees) perderom per sa maldade o que os boões manteverom per sa bondade. (DSG, I, p. 409) (o grifo é meu)

Assim como o Graal na *Demanda* estrutura a narrativa e dá sentido ao reino, pode-se dizer que o sentido do reino em Portugal é a expulsão dos infiéis, o que garantiria o estabelecimento do Reino Celeste na terra com a vitória sobre os inimigos da fé cristã. Há, portanto, um paralelo entre Camaalot, o reino perfeito, e os reinos ibéricos que buscam a perfeição, o Graal, procurando satisfazer a Deus através do caráter guerreiro de seus reis contra os inimigos da Cristandade. Portugal, especialmente, necessitava da expulsão dos muçulmanos no seu processo de afirmação como reino independente de Castela.

Personagens em *A Demanda do Santo Graal*

Antes de analisar a importância de Artur no relato e seus atributos, é importante observar os outros personagens da história que nesta narrativa, de forte inspiração religiosa, são mais importantes que o rei. Na *Demanda*, o personagem mais perfeito é Galaaz e isso ocorre não por ele ser o melhor cavaleiro, como, por exemplo, era apresentado Lancelot em vários relatos de Chrétien de Troyes (1991: 119-197), como o *Cavaleiro da Charrete*. Galaaz é o melhor cristão, não possui nenhum pecado ou desejo sexual; isto na história o torna também perfeito nas armas.

Ao contrário da *Historia Regum Britanniae*, onde Gauvain e Kai têm papel de destaque como guerreiros de Artur, na *Demanda* a complexidade dos indivíduos é grande e os personagens citados não tem o mesmo papel.

Gauvain (Galvam) aqui é o exemplo de mau cavaleiro. Mostrando-se desleal, mata diversos companheiros durante a demanda do Graal. Ao saber disso, o rei exclama: “— Maldita seja a hora em que foi Galvam cavaleiro, que se trabalha de fazer tantas e tam maas deslealdades. (...) E se assi é, deve perder a seeda da Mesa Redonda.” (DSG, I: 1988)

No entanto, como a afirmar sua importância em narrativas anteriores, com o fim da busca do Santo Vaso, não se fala mais sobre os erros de Galvam. Este participa da guerra contra a Linhagem de Bam, quando recebe ferimento de Lancelot, que mais tarde o levará à morte (4). Galvam também ajuda seu tio Artur no vitorioso combate contra os romanos, tal qual é apresentado na *Historia Regum Britanniae*.

Galaaz, como vimos, é caracterizado como o modelo de cavaleiro perfeito. No primeiro ataque do rei Mars ao reino de Logres, sai da demanda e derrota praticamente sozinho os inimigos. Passa por diversos rituais que confirmam a sua eleição como o melhor cavaleiro do mundo e escolhido de Deus: senta no assento perigoso, retira a espada do pedrão (prova equivalente a de Artur em outros relatos, aqui significando soberania espiritual), recebe uma segunda espada, a espada da estranha cinta, destinada àquele que encontraria o Graal.

Galaaz possui também uma beleza que se manifesta interna e externamente. Por não possuir pecados, encontra o Santo Vaso e cura o Rei Pescador, chegando a ser rei em Sarras, onde estava o Graal.



Figura 4 – Galaaz na presença do Graal. Ilustração do manuscrito de Gautier Map. *La Quête do Saint Graal et la mort d’Artur*. Ms, Fr. 343, f. 18r, século XV. Biblioteca Nacional de Paris.

O cavaleiro perfeito tem analogias com o próprio Cristo. Ainda que Cristo seja considerado o “rei dos reis” na Idade Média, em *A Demanda do Santo Graal* os atributos espirituais de Galaaz o levam a agir quase como um religioso. Embora tenha habilidade com as armas, passa toda a demanda a jejuar e rezar e veste uma estamemha (blusa de lã com farpas que feriam a pele), o que reforça sua condição de penitente. Em uma ocasião pede a um paralítico que o ajude a levar uma mesa e o cura, lembrando os feitos bíblicos de Jesus (5):

- Ai, Senhor, disse el [o paralítico] (...) ca bem há X anos que nom púdi uu passo mover sem ajuda de outrem.
- Nom me em-chal, disse Galaaz; leva-te suso e nom hajas pavor, ca tu és são . E Galaaz êsto dizendo, provou o homem se se poderia erguer, e achou-se são como se nunca houvesse mal. (DSG, II: 409-411)

Galaaz ao longo do livro realiza mais ações milagrosas, como expulsar o demônio e curar leprosos. O personagem está mais ligado ao Reino Celeste que ao Terrestre. Quando o Graal retorna aos céus, Galaaz morre e ascende juntamente com os anjos (DSG, II: 412-413) (6).

Outro personagem importante é Persival, que, em outros relatos, era o cavaleiro que encontrava o Graal. Ainda que na *Demanda* apareça em segundo plano, já que o personagem principal é Galaaz, também é puro e casto como aquele. A pureza de Persival é realçada, quando um ermitão pede a ele que o abençoe (DSG, I: 265-271).

Persival é uma vez tentado pelo demônio, travestido em forma de bela donzela, mas não chega a cometer pecado por interferência divina. Faz-se claro no romance um

resquício da oralidade através de uma voz, representando Deus que fala com Persival e o impede de ceder à luxúria.

O último dos três cavaleiros eleitos é Boorz, que realizou o ato carnal apenas uma vez na vida e que passa todo o tempo a jejuar, rezar e fazer penitências. Destes, é o único que, após a demanda, retornará ao reino de Logres, tornando-se ermitão no final do livro.

Outro a desempenhar papel de destaque na estória é Palamades “o bom cavaleiro pagão”, que passa boa parte da narrativa a caçar a Besta Ladradora, animal que simboliza o demônio, fruto de uma relação pecaminosa entre uma donzela e o diabo (7). Esta besta havia matado os onze irmãos de Palamades.

Palamades acaba abraçando a fé cristã e depois disso consegue matar a besta, sendo um dos doze cavaleiros que entram na câmara do Graal.

Quanto à Genevra, esposa do rei, embora adúltera, é vista com bons olhos pela população que se apieda dela quando ia ser queimada. Em contraponto a ela, a irmã de Persival é pura e casta, tal como Galaaz. Na estrutura da narrativa há dois pares de oposição quanto à virtude: Galaaz/Lancelote, irmã de Persival/Genevra.

Artur em A Demanda do Santo Graal

Como vimos, a posição de Artur na *Demanda* é a de coadjuvante. Ainda que o rei seja apresentado com uma série de atributos positivos — exímio guerreiro, rei aventureiro, rei justo e que congrega a melhor cavalaria em torno de si, Artur, assim como seus companheiros, possui um grave defeito: é pecador e daí provém todos os males do reino. Artur havia violentado uma donzela, com quem teve um filho ilegítimo, Artur o Pequeno, o qual depois se torna cavaleiro da tábua redonda.

Esta característica de pecado, que contrasta com a pureza de Galaaz, parece indicar que o objetivo da narrativa é mostrar que o Reino Terrestre deve estar mais voltado para o lado espiritual, devendo ser guiado pelos mais próximos daquele mundo, os *oratores*. O estudioso Albert Pauphilet propõe que o romance tenha tido influência cisterciense (PAUPHILET, 1996: 53-84) (8).

A *Demanda do Santo Graal* começa numa ocasião festiva, a comemoração de Pentecostes, onde o rei se esmera para bem servir a sua rica e opulenta corte, descrita pelas vestimentas dos nobres e do rei e pela fartura do banquete:

Véspera de Pinticoste, foi grande gente assuada em Camaalot, assi que podera homem i veer mui gram gente, muitos cavaleiros e muitas donas mui bem guisadas. El-rei, que era ende mui ledo, honrou-os muito e feze-os mui bem servir, e tôda rem que entendeu per que aquela côrte seria mais viçosa e mais lêda, todo o fêz fazer (DSG, I: 1).

(...) E el-rei [foi] entam ouvir missa aa se, com gram companha de cavaleiros, que maravilha terriades de os veer. E êle trazia **tam rico guarnimento**, que maravilha era. E com a rainha iiam tantas donas e donzelas, que era grande maravilha (DSG, I: 9)

Na *Historia Regum Britanniae* já aparecem esses elementos de uma corte modelo, exemplo para as demais, e do rei generoso que tudo faz para agradar a sua corte.

Com o surgimento da figura de Galaaz, o maravilhoso irrompe no relato, pois ele é o único a poder sentar-se no assento perigoso. Logo depois aparece o Graal, vaso de propriedades mágicas, que como já vimos anteriormente, é o condutor da narrativa no

romance. A revelação deste objeto no reino de Logres demonstra a eleição de Artur como rei abençoado por Deus:

E derom graças a Nosso Senhor, que lhes fazia tam grande honra e que os assi confortara e avondara da graça do Santo Vaso. Mas sôbre todos aquêles que ledos eram, mais o era rei Artur, porque maior mercee lhe mostrara Nosso Senhor que a nuu rei que ante reinasse em Logres. Desto foram maravilhados quantos i eram, ca bem lhes semelhou que se lembrara Deus deles (DSG, I: 31)

A breve aparição do objeto sagrado na festa de Pentecostes leva a cavalaria de Artur a sair em sua busca, dando sentido ao reino e resgatando a sua prosperidade.

Após a partida dos nobres para a busca do Graal, o rei sabe notícias deles através de acontecimentos sobrenaturais. Os assentos da tábola redonda se modificavam:

Rei Artur sem falha, que tanto amava os da Mesa Redonda como se fôssem seus filhos, havia grã pesar porque se partiram dêle. E por êsto havia tam de coraçom por saber como lhes ia, que ia cada dia, ante que comesse, veer as seedas da Mesa Redonda e catava-as; e quando i achava o nome que i ser devia, sabia bem entom que aquel era vivo, que era senhor daquela seeda e quando i nom achava letras, sabia que era morto (DSG, II, 77).

Com a morte dos cavaleiros apareciam novos nomes nos assentos da tábola redonda: “El-rei foi mui ledo destas novas (...) e achou em na seeda de rei Bandemaguz o nome de Claudim” (DSG, II, 87).

A corte de Artur é o lugar onde as verdades são reveladas. Meraugis vai à Camelote, porque “nunca el pôde saber de qual linhagem é, nem quem foi sa padre nem sa madre; e disseram-lhe que saberia ende a verdade em nossa casa. e esta é a razom por que veeo ao regno de Logres (DSG, II: 83).” Realmente, chega uma carta ao reino, explicando a origem do cavaleiro, que satisfeito exclama: “Beenta seja esta casa, que nunca i veem tam desconselhado que se em conselhado não parta.” (DSG, II: 97)

Apesar de Artur ser considerado um bom rei, uma voz (índice de oralidade) (ZUMTHOR, 1993: 35-54) (9) vinda do céu, diz ao rei que deve desistir de uma construção que todos os dias desmorona: a do castelo Felon. Na *Historia Regum Britanniae* não era Artur e sim um rei bretão anterior, usurpador do trono, Vortigern, quem não conseguia fazer esta construção. Isso ocorria devido a dois dragões que moravam debaixo do terreno escolhido, fato descoberto por Merlin (HRB, 1993:156). Aqui o problema de Vortigern é descoberto pelo adivinho, ao passo que com Artur é o próprio Deus, através da voz que vem do alto, que lhe aponta a impossibilidade de construir o castelo devido a seus pecados.

Mesmo ao criticar o rei por seus erros, essa voz, intermediária dos ditames divinos, aponta as qualidades de Artur:

Artur não te trabalhes mais em levantar a tôrre que não praz a Deus que seja edificada por alguém tão pecador como tu és, nem jamais será feita por ti, nem por outrem, até que venha um rei de Gaula, que terá nome Carlos, e aquêle tornará à fé de Jesus Cristo maior povo que tu não fizeste; e não será **tão honrado nem tão poderoso, nem terá tão boa cavalaria como tu**, mas será melhor cristão e mais leal à Santa Igreja (DSG, II: 499) (10) (o grifo é meu)

Ao contrário da *Historia Regum Britanniae* em que o valor de Artur como herói se destaca em primeiro plano, em *A Demanda*, ao saber do ataque inicial dos inimigos, o rei reconhece que grande parte de sua fama se deve à sua cavalaria:

Ai! Casa de Camaalot! Como tu eras temida e dultada enquanto os boões cavaleiros da Mesa Redonda i eram! E ora parece ca aquestes que me esta guerra movem adur o provariam se soubessem que êles aqui eram! (DSG, II: 221)

Um nobre lembra a Artur que ele tem outros vassalos corajosos. O rei manda chamá-los e eles demonstram o seu apreço pelo soberano e sua lealdade, sinal na Idade Média de que o monarca era bom rei:

Tanto disse o cavaleiro, que el-rei se confortou muito e que enviou per tôda sua terra o mais prestes que pôde aquêles que del tinham terra que lhe viessem acorrer em tam gram coita. E êles o fizeram o mais toste que poderam, **ca o amavam muito** (o grifo é meu) (DSG, II: 213).

Como o inimigo estava em número muito maior, Artur age como estrategista militar:

- Ide, disse el-rei, e fazedez dez aazes [alas] dos vossos homens, e estade fora no campo, ca nom queria que nosso imigos nos achassem encerrados. Mas sobre tôdalas cousas do mundo vos guardade de vos derramardes. (DSG, II: 213).

O combate se inicia e Artur dá provas de uma de suas maiores habilidades; é **excelente guerreiro**:

Quando el-rei viu seus homens em tal coita suspirou por os da mesa Redonda e feriu o cavalo das esporas e **foi-os ferir com grã sanha e com grã desejo de vingar seus homens** que vinha ante si matar. E topou com uu parente de rei Mars e **deu-lhe tal lançada que o meteu morto a seus pés**. Os brados foram grandes, ca os da Cornualha conheceram que aquêles era rei Artur e **leixaram -se ir a ele mais de vinte. E êle meteu mão aa espada, que era boa e bem talhador, e el era muito arrizado e muito ardido e defendia-se tam bem e tam ardidamente que bem diziam quantos o viam que aquêles era rei Artur e seus imigos também o louvavam e preçavam muito**, tanto o viam bem defender-se. Muito fezera de armas rei Artur aquêles dia, pero que lhe ia mal, ca seus homens eram poucos, que nom pareciam entre os outros. (os grifos são meus) (DSG, II: 215)

Ao ser ferido pelo rei Mars, Artur tem nova mostra de fidelidade de seus cavaleiros, que rapidamente o tiram do campo de batalha e o pranteiam por pensarem que estava ferido de morte (DSG, II: 215-217).

Em outra ocasião será um inimigo de Artur a ressaltar suas qualidades de melhor rei do mundo. Trata-se de Samaliel, filho de Froila:

— Meu padre, disse el, foi Froila, o príncipe de Alemanha, que foi rei de França, que matou rei Artur em ua insoa de Paris, e por êsto o

nom poderia eu já mais amar, ante o desamarei mentre viva. (DSG, II: 313)

É interessante notar nesta passagem a intertextualidade entre *A Demanda do Santo Graal* e a *Historia Regum Britanniae*. Na *Historia*, o personagem Froila (Frollo) era um tribuno romano que governava a Gália (França), tendo sido vencido por Artur em combate singular (11). Parte deste relato é recuperado na *Demanda* através da figura de Samaliel, filho do morto e que pensa em vingar a morte do pai, mas que pelas excelentes qualidades de Artur enquanto rei, acaba desistindo.

Samaliel encontra o rei Artur dormindo, durante uma caçada na floresta e pensa em vingança, mas hesita. Sua visão sobre Artur é teoricamente crítica, de alguém que desejava a sua morte. No entanto, ao vê-lo pela primeira vez, o cavaleiro tem uma ótima impressão sobre o aspecto físico do rei e muda de idéia. Elogia inicialmente o porte do monarca:

(...) e el (Samaliel) tiia na mão sa espada nua, aquela que fora de seu padre e foi-se assi a rei Artur e estevê-o catando; e poi'lo viu **tam grande e tam bem talhado**, disse: — Certas, se êste nom fôsse boõ, gram torto seeria, ca, de quantos reis eu vi, semelha o mais guisado de seer boõ. (DSG, II: 317) (o grifo é meu)

Logo depois, Samaliel desiste de matar Artur por considerá-lo o melhor rei do mundo:

El me matou o padre, e se eu sa morte nom vingo, poi'lo hei guisado, todo o mundo me teerria por mau. e de outra parte, **se eu rei Artur matar, que é o melhor rei do mundo e que sempre melhor e mais honradamente manteve cavalaria ca outro rei**, êsto seerá a maior mala-ventura e o maior pecado que nunca aveo em terra. (DSG, II: 317)

O fato de um cavaleiro que devia detestar o rei pela morte do pai considerá-lo o melhor rei do mundo visa, dentro da narrativa, mostrar que a qualidade de Artur como rei perfeito, é incontestável. Porém este rei perfeito, melhor que todos é, como vimos, um pecador. Temos aqui mais uma vez reforçada e implícita a mensagem clerical de que mesmo um rei com todas as qualidades para bem governar, como Artur, precisa ser abençoado e conduzido pelos *oratores* (DUBY, 1982). Estes sim, representados pela figura de Galaaz, serão capazes de levar o mundo terrestre a aproximar-se do celeste.

Samaliel deixa perto de Artur a espada de seu pai. O rei passa a usar as duas espadas, louva a atitude do outro e manda registrar no grande livro de aventuras. Esta é uma outra função de Artur no romance, a de monarca que manda colocar por escrito os acontecimentos mais importantes do reino.

Artur também se destaca como **rei justo**, protetor dos fracos. Galaaz encontra uma vez uma viúva que tinha perdido as terras, tomadas pelo irmão, o conde Bendoim, o qual também havia matado os filhos dela:

— Por boa fé, disse Galaaz, (...) de quem tendes a terra?
— Do rei Artur, disse ela e também dele.
— Pois **ide-vos queixar ao rei e vos fará justiça** (o grifo é meu).
(MEGALE, 1988: 395) (12)

Embora quem lute contra o mau conde seja Galaaz, é importante notar que se a viúva tivesse se dirigido a Artur ele a teria ajudado, o que representa mais uma vez o papel de Artur como rei-justo.

Outro importante atributo arturiano é a reunião das cortes. O monarca reúne-se freqüentemente com seus pares para tomar decisões nos momentos de dificuldade. Em vários escritos da Baixa Idade Média, como o *Policraticus*, de João de Salisbury, os autores sublinham o papel da corte como órgão consultivo e limitador dos poderes do monarca, que idealmente lhe fazem tomar decisões que visam ao benefício do reino e não da figura régia.

Na prática, porém, o rei era mais forte que a corte, a quem reunia mais quando pretendia aumentar impostos ou desvalorizar a moeda, como fez Afonso III em 1261, nas Cortes de Coimbra (MATTOSO, s/d: 140).

Ao descobrir o adultério cometido por Genevra e Lançalot, o rei pede conselhos aos seus sobre como deveria ser a morte da rainha. Tanto na *Demanda* quanto nas outras obras arturianas está sempre presente o fato do rei reunir as cortes.

Os nobres decidem que a rainha deve ser queimada, mas Lançalot a salva, precipitando-se assim o combate entre Artur e a Linhagem de Bam. Podemos ver que neste relato, Artur não aparece como rei invencível, por não conseguir vencer a poderosa linhagem de Lancelote.

Apesar disto, demonstra ser um **rei piedoso**, cumpridor dos ditames da Igreja, que o constringe a aceitar de volta a rainha:

E acima perdera i el-rei todo, se o arcibispo de Contúrbe nom fôsse, que era parente da ra-ia, e escomungou todo o reino de Logres, porque el-rei nom queria tornar a sa molher; mas quando el-rei viu que a santa igreja o constringia assi, filhou-a. (DSG, II: 449)

O episódio da luta entre Artur e o imperador de Roma é resumido em dois parágrafos. Como na *Historia Regum Britanniae*, Artur é vencedor, contando com a ajuda de Galvam e de outros companheiros. Aqui Galvam aparece de forma positiva como na *Historia Regum Britanniae*. Na luta contra os romanos destaca-se mais uma vez o papel de Artur como **rei guerreiro**:

Quando el (rei) viu que era Galvam já são e os outros cavaleiros, saiu-se com tôda sa hoste contra o emperador de Roma e lidou com el e venceu-o e matou-o, e prês muitos dos milhores de Roma, e fêz-lhis jurar sôbre los santos evangelhos que o levassem a Roma; e (...) disse-lhis: — Vós levaredes aos Romaãos, da minha parte o emperador (...) esta é a renda que lhis eu devo. (DSG, II: 451-452)

Seguindo o fio condutor da *Historia Regum Britanniae*, em *A Demanda do Santo Graal*, Artur, após vencer os romanos, é informado da usurpação do trono por Morderete. O rei retorna à Bretanha e ao ser mortalmente ferido tem mais uma vez louvadas as suas **qualidades de bom rei**:

Em tal guisa como vos conto, matou rei Artur Morderet e Morderet chagou êle aa morte. E êsto foi grã mal e grã dano, ca **nom houve, pois rei Artur rei cristão tam bem-andante, nem que tam bem fizesse sa fazenda nem que tanto amasse nem honrasse cavalaria** (o grifo é meu). (DSG, II: 457)

A morte de Artur é seguida de várias descrições míticas, a começar pelo número de cavaleiros mortos: “ca de LX mil que aquel dia foram (...) nom ficaram i fora LX que nom foram mortos. (DSG, II: 457)

O rei pede a Giflet, que jogue sua espada Esclabor no lago e este, após hesitar três vezes cumpre a vontade do rei e vê “ua mão sair do lago que parecia até o côvodo, mas

do corpo nom viu nada. A mão recebeu a espada polo mango e brandiu-a três vêzes ou quatro; pois a brandiu, meteu-se com ela na água.” (DSG, II: 467)

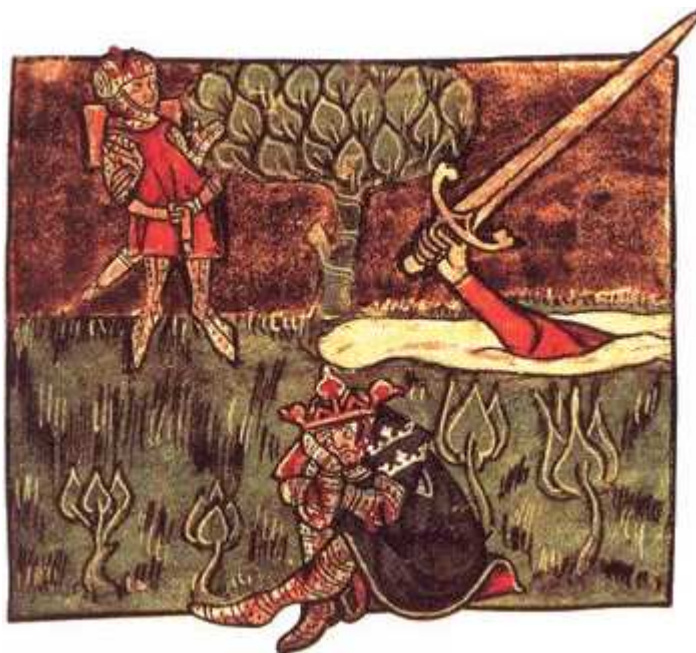


Figura 5 – Beduero (13) joga Excalibur no lago. Manuscrito francês, século XIV (Ms. Add. 10.294, f. 94), British Library.

Outras descrições maravilhosas são a partida do rei com Morgaim (Morgana) e outras fadas numa barca (DSG, II: 469) e o túmulo encontrado dias mais tarde por Girflet com o nome do monarca. Ao ser aberto, porém, o cavaleiro não encontra nada, somente o elmo de Artur. A conclusão de Girflet é que a morte do rei continuaria como um mistério: “Verdadeiramente este é o **rei aventureiro**, cuja morte nenhuu homem nom saberá. e bem disse el (o rei) verdade, que assi como el veo ao reino de Logres per ventura, assi se foi em per ventura.” (DSG, II: 471-472)

Com a morte de Artur, os filhos de Morderet tomam o reino. O rei Mars também invade e destrói a tábola redonda, símbolo do poderio arturiano (DSG, II: 490-491).

Conclusão

Embora seja um personagem secundário na trama do romance, é possível observar que Artur em *A Demanda do Santo Graal* ainda possui elementos que o ligam à figura do rei-guerreiro, rei-justo e, sintetizando a fala de Samaliel, o filho de um cavaleiro morto por Artur, este seria “o melhor rei do mundo”. Porém na sociedade cristã ocidental mesmo o melhor monarca era um pecador, razão que justificaria a partida do Graal do seu reino.

Assim, há vários elementos na narrativa que mostram a importância da Igreja medieval neste período: o melhor cavaleiro da história, Galaaz, descobre os mais altos segredos do Graal e ascende aos céus com ele, o que significa que as verdades divinas não seriam para todos, destinavam-se apenas aos eleitos.

O rei pecador tem um filho ilegítimo, Artur Pequeno, fruto de amores ilícitos do monarca, que violentara uma jovem. A punição ocorre logo, pois o Graal retira-se de Camelot devido aos pecados do rei e de seus cavaleiros. Além disso, a própria esposa do

soberano o trai e ele não consegue vencer e matar quem lhe causou a desonra: Lançalot. Por fim, o arcebispo da Cantuária dá a Artur a ordem de aceitar a adúltera de volta, o que o rei obedece, para evitar que o reino de Logres fosse excomungado.

Porém, seguindo o mito arturiano, desenvolvido em obras como a *Historia Regum Britanniae*, o melhor rei do mundo, após derrotar o exército romano, recebe a notícia da traição do sobrinho Morderete, retorna, tem o combate final com aquele e é levado para Avalon por Morgana e suas fadas para curar-se de seus ferimentos.

Importante em tudo isso é mostrar que Artur em *A Demanda do Santo Graal* possui ainda atributos que o tornaram um rei perfeito: em vários momentos ele prova a sua habilidade guerreira e seu senso de justiça. Tais elementos fizeram com que Afonso III, além de trazer a obra para Portugal, tivesse associado ao seu perfil nas crônicas a idéia de que, assim como Artur, ele havia sido também um rei justo, guerreiro (por recuperar territórios na Reconquista) e garantidor da prosperidade de seus súditos. Desta forma, Afonso III e outros monarcas medievais irão encarnar a idéia de reis perfeitos, capazes de, tal como Artur em Camelot, levarem os povos à felicidade.

Bibliografia

Fontes

A Demanda do Santo Graal (DSG) (ed. Crítica e fac-similar de Augusto Magne). Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, v. I (1955) e v. II (1970).

A Demanda do Santo Graal. Texto sobre os cuidados de Heitor Megale. São Paulo: T.A. Queiroz, 1988.

CHRÉTIEN DE TROYES. “O Cavaleiro da Charrete” In: *Romances da Távola Redonda*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

GEOFFREY DE MONMOUTH. *Historia Regum Britanniae (Histoire des Rois de Bretagne)* (HRB). (Traduite et commenté par Laurence Mathey-Maille). Paris: Les Belles Lettres, 1993.

Obras Citadas e Consultadas

CASTRO, Ivo. “Sobre a Data da Introdução na Península Ibérica do Ciclo Arturiano da Post-Vulgata”. In: *Boletim de Filologia*. Lisboa: n° 28, 1983.

COELHO, Jacinto Prado (Org.). *Dicionário das Literaturas Portuguesa, Galega e Brasileira*. Porto: Livraria Figueirinhas, 1960.

DUBY, Georges. *As Três Ordens ou o Imaginário do Feudalismo*. Lisboa: Editorial Estampa, 1982.

FARAL, Edmond. *La Légende Arthuriene – Textes et Documents*. Paris: Honoré Champion, 1929, 3 volumes.

FRANCO JR, Hilário. *Cocanha. A História de um País Imaginário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998

FURTADO, Antonio L. *Aventuras na Távola Redonda. Estórias Medievais do Rei Artur e seus Cavaleiros*. Petrópolis: Vozes, 2003.

LAPA, Manuel Rodrigues. *Lições de Literatura Portuguesa*. Coimbra: Coimbra Ed., 1973.

- LANCIANI, Giulia e TAVIANI, Giuseppe (Org. e Coord.). *Dicionário de Literatura Medieval Galega e Portuguesa*. Lisboa: Caminho, 1983.
- LOYN, H.R (Org.). *Dicionário da Idade Média*. Rio de Janeiro: Zahar, 1989.
- MEGALE, Heitor. *O Jogo dos Anteparos. A Demanda do Santo Graal: A Estrutura Ideológica e a Construção da Narrativa*. São Paulo: T. A. Queiroz Ed., 1992.
- MEGALE, Heitor. *Introdução*. In: *A Demanda do Santo Graal*. São Paulo: T.A Queiroz, 1988, p. 1-21.
- NUNES, Irene Freire. *Introdução*. In: *A Demanda do Santo Graal*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1995, p. 7-14.
- MONGELLI, Lênia Márcia. *Por quem Peregrinam os Cavaleiros de Artur*. São Paulo: Íbis, 1995.
- MATTOSO, José. *História de Portugal - A Monarquia Feudal*. Lisboa: Editorial Estampa, s/d, v. II.
- PAUPHILET, Albert. *Études sur la Quest del Saint Graal*. Genève: Slaktine Reprints, 1996.
- PEREIRA, Rita de Cássia. *O Herói e o Soberano — Modelo Heróico e Representações da Soberania na Demanda do Santo Graal*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1996.
- SARAIVA, A.J. e LOPES, Oscar. *História da Literatura Portuguesa*. Porto: Porto Ed., 1976.
- SARAIVA, A.J. *Crepúsculo da Idade Média em Portugal*. Lisboa: Gradiva, 1988.
- ZIERER, Adriana M.S. *O Modelo Arturiano em Portugal: A Imagem do Rei-Guerreiro na Construção Cronística de Sancho II e Afonso III*. Dissertação de Mestrado. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 1999.
- ZIERER, Adriana. “Artur: de Guerreiro a Rei Cristão nas Fontes Medievais Latinas e Célticas”. In: BRATHAIR. *Revista de Estudos Celtas e Germânicos*, Ano 2, (1), Primeiro Semestre 2002, p. 40-54. <http://orbita.starmedia.com/~brathair/Revista>
- ZIERER, Adriana. *A História dos Bretões de Nennius (c. 800) e sua Relevância para a Construção do Mito do Rei Artur* Anais Eletrônicos do III Encontro de História da ANPUH-ES (2000). <http://anpuhes.cjb.net>
- ZUMTHOR, Paul. *A Letra e a Voz*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

Notas

- (1) Sobre o combate entre Artur e gigantes ver também o relato apresentado em FURTADO, Antonio L. *Aventuras na Távola Redonda. Estórias Medievais do Rei Artur e seus Cavaleiros*. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 65-72.
- (2) “(...) dificilmente se concebe que Afonso e os seus fidalgos portugueses tivessem vivido em França, na época e nas condições que vimos, sem terem travado conhecimento com uma novidade literária como terá sido a remodelação do ciclo arturiano a que hoje chamamos Post-Vulgata, empreendida por um escritor anônimo entre os anos de 1230 e 1240, provavelmente no norte da França. Sendo assim, o que os impediria de trazer um exemplar desse novo ciclo para Portugal, como decerto trouxeram outros manuscritos literários?” — CASTRO, Ivo. “Sobre a Data da Introdução na Península Ibérica do Ciclo Arturiano da Post-Vulgata” (1983: 90-91).
- (3) A carência de alimentos no período medieval, levou ao surgimento de narrativas utópicas que tratavam de abundância de comida, como o *fabliaux* da Cocanha. Sobre a relação Graal-Cocanha, cf: FRANCO JR, Hilário. *Cocanha. A História de um País Imaginário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 46-47.
- (4) “Mas acima foi Galvam tam mal-firido que nom pôde mais fazer. e matara-o entam Lançalot se nom fosse por amor del-rei (...). E sabede que, em aquela batalha, prês Galvam uu tal golpe, de que pois nom pôde guarir, ante o chegou aquela chaga a morte.” DSG, II, p. 451.
- (5) “(...) eu te ordeno disse [Jesus] ao parálitico — levanta-te, toma tua maca e vai para tua casa. E no

mesmo instante, levantando-se diante deles, tomou a maca onde estivera deitado e foi para casa, glorificando a Deus.” [Lc5, 17-26] In: *A Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 1995.

(6) A dissertação de Rita de Cássia Pereira tem mais detalhes sobre o personagem Galaaz. Cf: PEREIRA, Rita de Cássia. *O Herói e o Soberano — Modelo Heróico e Representações da Soberania na Demanda do Santo Graal*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1996. A autora tem um ponto de vista diferente do meu, por considerar que Galaaz e não Artur seria um modelo de rei aos monarcas portugueses.

(7) Sobre o papel da besta ladradora na *Demanda*, ver MONGELLI, Lênia Márcia. *Por quem Peregrinam os Cavaleiros de Artur*. São Paulo: Íbis, 1995, p. 97-114.

(8) A Ordem de Cister foi fundada no século XII e adotava a Regra de São Bento, tendo sua máxima expansão sob a direção de Bernardo de Claraval (S. Bernardo). A ordem era dividida em irmãos do coro e irmãos leigos que cuidavam da terra e das transações comerciais do mosteiro. Cf: LOYN, H.R. *Dicionário da Idade Média*. p. 94

(9) Zumthor mostra que elementos que lembram o órgão da audição, tais como os verbos contar, dizer, ouvir, e palavras associadas a este órgão, como “voz” indicam os *índices de oralidade* das narrativas medievais. Estes elementos confirmam que as narrativas eram principalmente ouvidas e não lidas pela população, numa sociedade em que a maior parte da população era analfabeta, sendo comum existirem pessoas como poetas, jograis, recitadores que contavam as histórias para um público de ouvintes. ZUMTHOR, Paul. *A Letra e a Voz*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

(10) DSG, Aditamento, II, p. 499. Este trecho não está no relato português conservado. Augusto Magne o retirou da versão castelhana da *Demanda*, que por sua vez se baseou na portuguesa.

(11) “O sangue correu e a vista de sua couraça e de seu escudo que se avermelhavam, excitou e redobrou a cólera de Artur; brandindo sua espada Caliburn com todas as suas forças, ele golpeou o capacete e a cabeça de Frollo, que se partiu ao meio.” HRB, p. 217.

(12) *A Demanda do Santo Graal* (ed. de Heitor Megale). São Paulo: T.A. Queiroz/Ed. da Universidade de São Paulo, 1988, p. 395. Este trecho falta no manuscrito original da *Demanda*. De acordo com a edição de Irene Freire Nunes (Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1995), o restante do texto está numa versão do *Tristam*, a qual foi provavelmente inserida no texto de H. Megale.

(13) Variam os personagens que jogam a famosa espada do rei Artur no lago. Nas versões da *pós-Vulgata*, o cavaleiro a realizar tal ação é Gilfrete. O mesmo ocorre em *A Morte do Rei Artur* (São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 221-222), obra que foi traduzida por Heitor Megale e se insere no ciclo da *Vulgata*. Outras narrativas apontam Bedivere (Beduero) como aquele que joga a espada do rei, conforme é mostrado na ilustração.